

Caminhos e retornos: estratégias de abordagem de documentos saussurianos

Micaela Pafume Coelho¹

Resumo

No projeto teórico de Saussure, a linguagem é abordada a partir de óticas distintas, embora seus objetos de investigação estabeleçam uma relação entre si. Por isso a análise dos materiais que apresentam a trajetória de elaboração da teorização de Saussure exige que tomemos como central seu processo, em vez de tomá-la como algo acabado. Tendo isso em vista, neste artigo buscamos analisar e explicitar alguns aspectos do tratamento dos documentos saussurianos e também da própria teorização neles apresentada. Para tanto, utilizaremos o trabalho de Silveira (2007) para tratar das especificidades encontradas nos materiais que atestam o processo de elaboração de Saussure. Em seguida, trataremos da questão do corte epistemológico possibilitado pela teorização e pelos princípios saussurianos, pautando-nos principalmente no trabalho de Normand (2011) e de Milner (1989, 2002) para apresentar os elementos do projeto teórico de Saussure que permitiram que a Linguística se estabelecesse enquanto ciência.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure. Documentos. Abordagem

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

Algumas especificidades dos documentos saussurianos

O que foi que Saussure trouxe à linguística do seu tempo, e em que agiu sobre a nossa? Para responder a essa questão, poder-se-ia ir de cada um de seus escritos ao seguinte, analisar, comparar, discutir. (Émile Benveniste)

Nas elaborações de Saussure, a noção de sistema consiste em um elemento de importância fundamental não apenas em seus trabalhos referentes à Linguística Geral. O sistema constitui uma peça-chave nas reflexões que consagraram o linguista durante o século XIX, no âmbito da Gramática Comparada, e mostra-se como um componente primordial, tanto no processo de transição de suas reflexões como em suas elaborações sobre Linguística Geral. Essa persistência da noção de sistema nos diferentes trabalhos de Saussure, os quais partem de pontos de vista distintos, apesar de se enquadrarem, sem exceção, nos estudos da linguagem, indica alguns aspectos notáveis da trajetória de elaboração de sua teorização.

Ademais, o fato de essa noção ser um elemento componente das diferentes reflexões saussurianas faz com que seja necessário um cuidado com o modo de abordagem dessa noção em cada trabalho do linguista. Isso porque essas diferentes teorizações são expostas em materiais de cunhos distintos, cada um dos quais apresenta especificidades. Tomemos, como fontes de exemplificação para o assunto abordado em nosso trabalho, os quatro documentos saussurianos: o “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”², escrito entre 1878 e 1879, o conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem* (~1891), as *Notas para o curso III* (1910-1911) e o *Curso de Linguística Geral*³, de 1916. São materiais de naturezas distintas, os quais possuíam diferentes finalidades e até mesmo diferentes óticas de abordagem do objeto de investigação.

O *Mémoire* foi o único livro publicado por Saussure em vida e apresenta um estudo comparativo de algumas línguas de origem indo-europeia, a fim de propor um sistema que considerasse a existência de quatro vogais “a”, e não três, como outros estudiosos do final do século XIX afirmavam. Os outros três materiais, apesar de tratarem de temas referentes à Linguística Geral, possuem aspectos que os diferem entre si. O conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem*, datado de 1891, configura-se, em sua estrutura, como escritos de um suposto livro sobre Linguística Geral que Saussure nunca chegou a terminar, muito

² Doravante *Mémoire*.

³ Doravante CLG.

menos a publicar. Seu conteúdo apresenta a teorização do linguista especificamente sobre a língua e seus princípios em um primeiro momento.

As *Notas para o curso III*, dos anos de 1910-1911, são anotações efetuadas pelo linguista para preparar o terceiro curso que ministrou na Universidade de Genebra, e têm como conteúdo aspectos referentes tanto à Linguística geográfica como à língua enquanto objeto de estudo. O CLG, por fim, é uma obra póstuma (publicada em 1916), de autoria concedida a Saussure, e elaborada por dois de seus discípulos: C. Bally e A. Sechehaye – com a colaboração de A. Riedlinger, um aluno de seus cursos. Ele é dedicado a apresentar a contribuição original de Saussure acerca da Linguística Geral, bem como algumas considerações do linguista sobre as línguas, as quais contribuíram para o processo de elaboração de suas reflexões.

Embora sejam materiais cujos propósitos se distanciam ou que até mesmo que se enquadram em áreas distintas dos estudos da linguagem, a noção saussuriana de sistema apresenta, em todos eles, características comuns, além de se mostrar como um elemento de importância central em cada um dos documentos. Contudo, para que esses aspectos sejam mostrados, é preciso que cada documento seja analisado considerando seus caracteres formais e o propósito para o qual foram elaborados, uma vez que, de acordo com Silveira (2016), “a complexidade do material tem sido propulsora de um intenso debate em torno de uma produção ímpar na Linguística” (SILVEIRA, 2016, p. 17).

Nesse sentido, apesar da amplitude das reflexões expostas nesses materiais, é pertinente ressaltar que a teorização de Saussure não consiste em um todo completo e acabado. São reflexões permeadas, segundo Silveira (2007, p. 17), por “marcas” que indicam um pensamento não linear e não direcionado a um fim determinado. Segundo a autora, “essas marcas concretas – rasuras, repetições, reformulações e incisos – também assinalam o movimento particular de um sujeito, isto é, os seus passos e os seus impasses” (SILVEIRA, 2007, p. 17). Dessa forma, é importante destacar que há também algumas marcas que mostram a trajetória do movimento de Saussure para além daquelas presentes exclusivamente nos manuscritos.

No *Mémoire*, por exemplo, a falta de uma definição direta de noções que são centrais para o trabalho, como a de sistema e a de valor, pode incidir como uma marca de movimento da teorização saussuriana. Isso porque essa falta não compromete o entendimento da forma como essas noções contribuem para a tese do linguista, mas, apesar disso, deixa em aberto

um caminho para a procura de caracterizações e definições dessas noções, procura esta que funciona, a nosso ver, como um combustível para a trajetória de elaboração das reflexões de Saussure. Essa falta, contudo, não é uma característica exclusiva do *Mémoire*. Tanto o CLG como os conjuntos de manuscritos se abstêm de uma definição direta de alguns conceitos (COELHO, 2015).

Além disso, enquanto nos manuscritos há rasuras, incisos, reincidências e outras marcas textuais que, segundo Silveira (2007), podem indicar uma reelaboração dos conceitos, ressaltando o movimento da teorização saussuriana, no *Mémoire*, a nosso ver, existem outros aspectos – compatíveis com um texto publicado – que funcionam de modo semelhante. Segundo Joseph (2012, p. 221), o projeto inicial do *Mémoire* pensado por Saussure previa um trabalho de, em média, 60 páginas. No entanto, o resultado foi um livro de mais de 300 páginas. Tal fato ocasionou algumas marcas no texto de Saussure, uma vez que ele “aprendia com os erros que cometia” ao longo de sua escrita (JOSEPH, 2012, p. 222).

Essas marcas consistem, por exemplo, em trechos que são dedicados a indicar mudanças de posicionamento acerca do que havia sido dito nas primeiras páginas do trabalho. Isso porque, de acordo com Joseph (2012),

Trechos impressos do trabalho, à medida que ele [Saussure] os produzia, indicavam que não havia possibilidade de efetuar correções a posteriori, ou de revisar o prefácio, a fim de expor uma visão mais ampla de quais eram as possíveis conclusões. Uma vez que nunca havia experimentado um projeto tão extenso, ele aprendia com seus erros. Houve um ponto em que Saussure foi obrigado a anunciar uma mudança sobre uma afirmação que havia sido feita cem páginas antes. Pouco depois, no início do capítulo “Papel gramatical dos diferentes tipos de *a*”, ele tenta prever o que os leitores pensarão ser mero desleixo de sua escrita (JOSEPH, 2012, p. 222, tradução nossa)⁴.

No que tange às elaborações sobre Linguística Geral, acreditamos ser pertinente destacar a flutuação terminológica enquanto elemento que demarca o movimento da trajetória de Saussure. Seja nos manuscritos do final do século XIX, nas notas preparatórias para os cursos, ou mesmo no CLG, a terminologia flutuante incide na teorização saussuriana,

⁴ “Printing portions of the work as he produced them meant that there was no going back for corrections, or revising the preface to give a fuller view of what the conclusions would be. Never having attempted a project of anything like such a length, he was learning by the mistakes he made. At one point he is obliged to announce a change of mind from a statement he had made a hundred pages earlier. Shortly after, at the start of the chapter on the ‘Grammatical role of the different types of *a*’, he attempts to rationalize what readers might take to be mere sloppiness of composition on his part”.

mostrando que, de fato, as reflexões do linguista não podem ser dadas como prontas e acabadas.

Afirmamos isso, pois essa imprecisão referente à terminologia não perpassa apenas a escolha de “nomeação” dos conceitos, mas também a própria conceituação e delimitação dos elementos que sustentam e fundamentam a teorização saussuriana. Se, por exemplo, tomamos a língua como um “sistema de signos e ideias” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 18), tal como é exposto no CLG, o termo “signo” passa a ser compreendido como um elemento associado às ideias, e não como uma unidade composta por significante e significado⁵. Há, nesse trecho, uma flutuação terminológica passível de incidir no próprio entendimento da reflexão de Saussure.

Tendo isso em mente, é possível levantar a hipótese de que a noção de sistema, enquanto elemento componente dessa teorização, compartilha das mesmas características que possui a própria teorização de Saussure. Dito de outro modo, tendo como base as reflexões de Silveira (2007), não acreditamos que seja possível afirmar que tal noção possua uma trajetória linear, cujo caminho se inicia nos estudos da Gramática Comparada e chega, finalizado, aos estudos sobre a Linguística Geral. Nessa linha de raciocínio, consideramos pertinente pensar que o sistema esteja sob os mesmos efeitos de toda a reflexão de Saussure. Assim, presumimos que sua trajetória de elaboração seja não linear, não direcionada e demarcada por passos, impasses e pelas marcas dos textos de suas elaborações, as quais indicam a existência de um movimento dessa trajetória.

Entretanto, essa hipótese não contradiz o estatuto da noção de sistema como um dos elementos centrais das elaborações saussurianas. Ao contrário, a possibilidade de existência de reelaborações, questões e reincidências acerca dessa noção nos diferentes trabalhos de Saussure, a nosso ver, consiste, na verdade, em um fator que reforça a importância desse elemento no seio das reflexões do linguista. Tendo isso em vista, no item a seguir, traremos alguns aspectos discutidos por Silveira (2007) acerca do movimento da teorização saussuriana na fundação da Linguística. As reflexões da autora fundamentam a nossa hipótese de que os aspectos que indicam um movimento nas elaborações saussurianas podem ser válidos tanto para a teorização saussuriana como um todo, como para as noções e princípios que a constituem.

⁵ Sobre essa questão, conferir Coelho (2015).

O movimento de Saussure

Tomar a teorização de Saussure como corpus de análise de um trabalho não constitui tarefa simples, em virtude das peculiaridades que compõem não só o seu processo de elaboração, mas também os próprios documentos de autoria do linguista que levaram a público tal teorização. Não importa qual documento se tenha em mente, o conteúdo que o compõe apresenta, em sua grande maioria, aspectos que evidenciam, assim como apontado por Silveira (2007), uma trajetória de elaboração teórica que não segue uma ordem cronológica e nem mesmo se desenrola necessariamente em direção à fundação de uma ciência. Apesar disso, é inegável que tal teorização seja considerada como aquela que oferecera reflexões que possibilitaram a fundação da Linguística enquanto ciência moderna.

Por isso, a esse respeito, consideramos importante ressaltar o posicionamento de Silveira (2007), que opta por suspender momentaneamente as qualificações da elaboração saussuriana como “fundadoras de uma ciência”. Isso porque, segundo a autora,

Em primeiro lugar, [...] essas qualificações nomeiam um efeito retroativo desse movimento [de Saussure], dando-lhe um sentido em duas acepções do termo sentido, isto é, significado e direção. Em segundo lugar, porque esses sentidos cernem desse movimento apenas o seu produto, isto é, o que se presume como a elaboração final de Saussure que culminou no “acontecimento editorial”: *Cours de Linguistique Générale* [...]. É, portanto, necessário um passo atrás, ou seja, a suspensão dessas qualificações para surpreender o movimento (SILVEIRA, 2007, p. 80).

O processo que é denominado pela autora como “movimento de Saussure”, nesse mesmo sentido, importa mais do que o produto que se pôde retirar das elaborações saussurianas retroativamente. Isso porque, a partir da observação desse movimento, é possível identificar de que forma a noção de sistema é constituída nos documentos saussurianos mencionados. Sendo assim, em vez de analisar um conceito da teorização saussuriana de forma enrijecida, consideramos importante priorizar a trajetória de elaboração do conceito.

Desse modo, torna-se necessário ao pesquisador um posicionamento que considere o processo de elaboração da teorização saussuriana, tomando seus documentos – sejam eles livros publicados ou manuscritos – não como obras fechadas, mas como elementos que atestam a produtividade das asserções menos categóricas presentes nas reflexões do linguista. Isso porque, tal como afirma Silveira (2007), são materiais marcados por impasses e que não seguem necessariamente uma linearidade. Tal fato pode ser notado, por exemplo, ao

observarmos que, mesmo no *Mémoire*, Saussure já apresenta aspectos teóricos que viriam a compor de forma central suas reflexões sobre Linguística Geral, como é o caso da noção de sistema e de outras noções componentes do quadro teórico pensado pelo linguista.

Nesse sentido, destacamos a afirmação de Silveira (2007): é preciso considerar que as elaborações de Saussure, que lhe renderam o título de fundador da linguística, não são sem relação com sua formação que está totalmente ancorada na gramática comparativa do século XIX [...] (SILVEIRA, 2007, p. 47).

Há, portanto, uma relação entre a formação de Saussure em meio aos estudos comparatistas da segunda metade do século XIX e suas reflexões acerca da língua enquanto objeto de estudo da Linguística, as quais foram consagradas, em um primeiro momento, pelos cursos ministrados na Universidade de Genebra e, depois, pelo CLG e pela publicização dos manuscritos do linguista. Porém, apesar de Saussure identificar a necessidade de se reformarem a terminologia e os métodos da pesquisa feita em linguagem, além de clamar pela delimitação de um objeto de estudo que fosse, ao mesmo tempo, concreto e integral aos estudos linguísticos, o caminho percorrido por ele para alcançar as passagens a tais necessidades perpassa por dúvidas, impasses e questionamentos. E esses aspectos, como já afirmamos, se concretizam na trajetória de elaboração dos conceitos e princípios que fundamentam as reflexões de Saussure.

A tese defendida pelo linguista em seu *Mémoire*, por exemplo, baseia-se em uma ótica pautada na *relação* e na análise dos elementos fônicos a partir de um *sistema*. E, apesar desses princípios – relação e sistema – não possuírem uma definição conclusiva no momento em questão, eles indicavam, desde já, um redirecionamento do modo como se dava a abordagem das pesquisas realizadas nesse âmbito. Isso porque, embora a noção de sistema estivesse, desde muito cedo, presente nos estudos da linguagem, ela é reconfigurada nas reflexões saussurianas. A esse respeito, destacamos a afirmação de Ducrot (1968), de que

se esse conceito [de estrutura ou sistema] não se impôs, se foi quase abandonado (até que Saussure o ressuscite, acrescentando-lhe certas determinações originais), foi porque não logrou resistir a uma descoberta feita na mesma época: a da transformação das línguas (DUCROT, 1968, p. 42-43).

Ora, a principal vertente de pesquisas no âmbito da linguagem no século XIX foi a da Gramática Comparada, que se dedicava ao estudo e à reconstituição das famílias de língua, com o propósito de estabelecer o construto teórico do indo-europeu. No entanto, o que

Ducrot (1968) destaca é que o estudo das transformações das línguas tomou o lugar da delimitação de conceitos gerais que embasavam essas transformações, como é o caso da noção de sistema. Isso foi também questionado por Saussure em suas cartas e conversas com seus contemporâneos; qual seria a razão de se buscar tais reconstituições, se as reformas na terminologia e no método de pesquisa da época eram, no ponto de vista de Saussure, necessidades primordiais e evidentes?

A definição de um objeto de estudo e a proposta de uma metodologia para o estudo desse objeto, a qual propõe abordagens diferentes para cada ponto de vista, são aspectos que foram, de fato, cruciais para a fundação da Linguística. No entanto, não podemos considerar nem a anterioridade de intenção dessa fundação nem a existência de uma hierarquia dos princípios ou mesmo dos diferentes pontos de vista que fundamentam as reflexões de Saussure.

É isso que propõe Silveira (2007), ao realizar sua análise do movimento da elaboração saussuriana sob a ótica da psicanálise. Segundo a autora, é possível “dizer sobre um movimento marcado pelos anagramas, o indo-europeu e a teoria do valor sem ordená-los ou hierarquizá-los” (SILVEIRA, 2007, p. 82). Explicando de forma sucinta, o que Silveira faz é estabelecer uma analogia entre o vínculo que sustenta os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário de Lacan, chamado de nó borromeano, e o vínculo que entrelaça as reflexões de Saussure que partem de pontos de vista distintos do mesmo objeto de estudo⁶. Tal nó, segundo a autora, consiste em “uma certa maneira de nodular elos” (GRANON-LAFORD, 1986, p. 28 apud SILVEIRA, 2007, p. 81). Nesse sentido,

O caráter borromeano desses registros [Real, Simbólico e Imaginário] implica que eles sejam nodulados de uma forma específica, tal que, ao soltar um, nenhum dos outros continua enlaçado [...]. Essa homogeneização dos registros na forma do nó evita uma hierarquização, embora não desfça a distinção entre eles, mesmo a partir da nodulação (SILVEIRA, 2007, p. 84).

Segundo a autora, podemos considerar que, assim como o laço entre Real, Simbólico e Imaginário é sustentado de forma tal que, se rompermos o enlace de apenas um dos elementos, desfaz-se a relação entre os três, dessa mesma forma se dá o vínculo entre os diferentes estudos de Saussure. Dito de outro modo, a procura pelos anagramas nas poesias gregas e latinas, os estudos comparatistas, que tinham como objetivo maior a busca pela

⁶ A autora trata, especificamente, dos estudos sobre os anagramas, o indo-europeu e o funcionamento da língua.

língua-mãe, e as reflexões sobre a Teoria do Valor e o funcionamento da língua enquanto sistema, entre outros⁷, são produções que parecem se fundamentar de alguma forma. Apesar de cada uma dessas reflexões ter sua direção delimitada por óticas distintas do objeto “língua”, suas trajetórias apresentam intersecções que permitem a existência de um movimento nas elaborações saussurianas como um todo.

Nesse sentido, não consideramos adequada uma tomada de posição que considere uma hierarquização desses diferentes estudos, muito embora haja autores que se posicionem de tal forma (ZILBERBERG, 1997). Além disso, é importante ressaltar que algumas das reflexões de Saussure não se deram em épocas concomitantes; pelo contrário, estabeleceram-se em momentos e cenários bastante distintos, como já afirmamos anteriormente. Entretanto, mesmo existindo tais fatores, ainda assim é necessário abstermo-nos de considerar uma anterioridade ou uma classificação hierárquica dos princípios e estudos saussurianos. A possível relação entre eles foi o que permitiu o empenho de Saussure em uma trajetória de reflexão que concedeu à Linguística seu lugar dentre as ciências, mesmo que postumamente.

Tendo isso em vista, no item a seguir trataremos da questão da epistemologia na Linguística e buscaremos compreender de que modo as elaborações saussurianas permitiram a tomada de um novo método de abordagem e de uma epistemologia para os estudos linguísticos.

A epistemologia e a teorização saussuriana

Tanto no CLG como também em outros documentos saussurianos, é possível notar a busca de Saussure pela natureza do objeto ao qual os estudos linguísticos deveriam se dedicar. Essa busca encontrou caminhos não só por Saussure delimitar a língua como alvo de investigação, mas principalmente por fazê-lo de modo a definir tal objeto e a distingui-lo dos demais aos quais estava, muito comumente, vinculado. Assim, temos que a língua, objeto de estudo “ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15) consiste em um “sistema de signos”, e é distinta da linguagem e da fala (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 24).

⁷ Como mais tarde comprovaram as pesquisas de Souza (2012) e Henriques (2014).

É notável que a noção de sistema é um elemento central na definição desse objeto e, por conseguinte, mostra-se também como um elemento imprescindível para a fundação da Linguística Moderna. No entanto, o sistema se configura como um elemento componente das reflexões de autores dos estudos da linguagem no ocidente desde muito cedo. Desse modo, tendo em vista que a noção de sistema é anterior à teorização saussuriana, em trabalhos anteriores (COELHO, 2015), nos dedicamos a investigar quais aspectos dessa noção, tal como foi pensada por Saussure, fazem-na estabelecer, ao mesmo tempo, uma relação de continuidade e de ruptura com a noção de sistema utilizada por outros estudiosos da linguagem, de forma a outorgar à Linguística seu lugar dentre as ciências modernas.

Porém, antes de nos atermos a essa questão particular, foi necessário abordar alguns aspectos referentes às noções de ciência e de epistemologia, especificamente no que tange aos estudos da linguagem. Segundo Normand (2011, p. 13), embora Saussure não utilize em seus escritos a palavra “epistemologia”, ele “manifesta uma exigência dessa ordem em todos seus textos, ainda que seu pensamento não deva ser reduzido a isso”. A autora ainda ressalta que a contribuição teórica e metodológica do linguista tratava de

desvincular a pesquisa Linguística da simples coleta empirista de dados, assim como das generalizações vazias sobre a linguagem (instrumento do pensamento, ferramenta de comunicação etc.) ou da evidência de que a Linguística era o “estudo científico da linguagem”, visto que não havia nenhuma precisão sobre os critérios dessa afirmação (NORMAND, 2011, p. 14).

A pesquisa em Linguística, para Saussure, era falha em apresentar um estatuto científico em razão da falta de definições, de critérios precisos e de uma metodologia que retirasse consequências teóricas da “simples coleta empirista de dados”. Era, pois, desprovida de um caráter epistemológico. Isto é, a pesquisa, tal como era feita antes e contemporaneamente a Saussure, não seguia as exigências de uma epistemologia, ou, nas palavras de Normand (2011), de

uma teoria normativa da Ciência que pretende reger o discurso científico em geral e avaliar, segundo critérios rigorosos, as produções que se apresentam como fazendo parte dele, tendo como modelo as ciências naturais (NORMAND, 2011, p. 14).

A esse respeito, ressaltamos também o trabalho de Milner (1989), que é dedicado a tratar dos aspectos responsáveis por outorgar a uma disciplina o estatuto de ciência. Segundo o autor, deve-se entender por *ciência* “uma configuração discursiva que tomou forma com

Galileu e não parou de funcionar desde então”⁸ (MILNER, 1989, p. 23, tradução nossa). Nesse mesmo sentido, Milner (1989) afirma que Koyré caracteriza a ciência fundada por Galileu por meio de dois traços principais: i) a matematização do empírico e ii) a constituição de uma relação com a técnica. Desse modo, a *técnica* é tida como a “aplicação prática da ciência”, e a ciência, por sua vez, é definida como a “teoria da técnica” (MILNER, 1989, p. 23). Contudo, para entendermos o conceito de ciência explicitado por Milner, mais do que definir a técnica, é preciso que nos atenhamos às definições de alguns outros conceitos.

Iniciemos pelo conceito de *configuração discursiva*. Uma configuração discursiva deve ser entendida como um conjunto de proposições. Assim, qualquer disciplina, para que seja considerada ciência, deve ser “constituída de proposições, cuja maior parte reunirá as três características de ser matematizável, de manter uma relação com o empírico e de ser falseável” (MILNER, 1989, p. 24).

A respeito dessa primeira característica, a *matematização*, ressaltamos que ela não se refere à quantificação ou medida. Está relacionada, na verdade, ao caráter literal da matemática, isto é, ao uso de “símbolos que podem e devem ser tomados literalmente, sem levar em conta o que eles designam eventualmente” e ao uso “desses símbolos unicamente em virtude de suas regras próprias” (MILNER, 1989, p. 24). Ou seja, a matematização é pautada no uso vazio dos símbolos, não lhes restringindo daquilo que eles se encarregam de representar vez ou outra. Trata-se do que Milner (1989, p. 24) chama de um “funcionamento cego”; e é justamente esse funcionamento que possibilita o manejo adequado dos símbolos. Segundo o autor,

Por esse caráter cego, e apenas devido a ele, é assegurada a transmissibilidade integral, a qual repousa sobre o fato de que todos, cientes das regras de manipulação das letras, manejam-nas da mesma forma: é o que se pode chamar de reprodutibilidade de demonstrações⁹ (MILNER, 1989, p. 24, tradução nossa).

Essa reprodutibilidade de demonstrações, possibilitada pelo caráter cego da matematização que caracteriza o conceito de ciência, afasta-a [a ciência] do ponto de vista de que a toda ciência se relaciona à quantificação. Mais do que isso, Milner (1989, p. 24) afirma que “só há ciência matematizável e só há matematização se houver literalização¹⁰ e

⁸ “Une configuration discursive que a pris forme avec Galilé et n’a pas cessé de fonctionner depuis”.

⁹ “Par ce caractère aveugle, et par lui seul, est assurée la transmissibilité intégrale, laquelle repose sur le fait que tout un chacun, informé des règles du maniement des lettres, les maniera de la même manière : c’est ce qu’on peut appeler la reproductibilité des démonstrations”.

¹⁰ O termo deve ser entendido como a escrita dessa ciência.

funcionamento cego”. Assim, temos que os aspectos matemáticos (princípios e proposições) governam a literalidade de uma ciência e, portanto, devem ser passíveis de serem explicitados.

Acerca da segunda característica ressaltada por Milner (1989), isto é, a necessidade da ciência de *manter uma relação com o empírico*, consideramos pertinente esclarecer o conceito de empírico tomado pelo autor. Para ele, entende-se por empírico o “conjunto daquilo que é representável no espaço e no tempo” (MILNER, 1989, p. 25); ou seja, a ideia de representação perpassa a noção de empírico, a qual é necessária para a definição de ciência defendida por Milner (1989). Além disso, para que uma ciência seja empírica, ainda segundo o autor, é preciso que ela forneça uma série de proposições falseáveis. Esta condição nos leva, então, a tratar da terceira característica exposta pelo autor como fundamental para que uma disciplina seja tratada como ciência: *a possibilidade de ser falseável*.

Uma proposição falseável, segundo Milner (1989, p. 25), é “uma proposição tal que se pode construir a priori uma conjunção finita de proposições empíricas que as contradizem”. As proposições empíricas, por sua vez, são aquelas cujo referente é passível de ser representado diretamente no tempo e no espaço. O conceito de proposição, especificamente, é tido como uma “asserção completa e autônoma”, que pode ser retirada da oposição entre verdadeiro e falso (MILNER, 1989, p. 27). No que diz respeito à Linguística, em particular, é importante destacar a seguinte proposição, colocada, segundo Milner, pela escola de Cambridge, em virtude das pesquisas realizadas com a linguagem no âmbito da Gramática Comparada: “Se a Linguística é uma ciência, ela é uma ciência empírica”¹¹ (MILNER, 1989, p. 38, tradução nossa).

Tomando como base o conceito de empírico colocado por Milner (1989, p. 25), temos que, se a Linguística é uma ciência empírica, então, ela é uma ciência que lida com algo que pode ser representado no tempo e no espaço. As pesquisas de caráter comparativo, realizadas ao longo do século XIX, mostraram, a partir das análises de diferentes línguas em busca do indo-europeu, que elas podem ser concebidas no espaço – tendo em vista o estudo das semelhanças entre o grego, o latim, o sânscrito etc. – e também no tempo – dadas as observações dessas diferentes línguas ao longo dos anos.

Tendo isso em vista, é válido ressaltar que, segundo Milner (2002),

¹¹ “Si la linguistique est une science, elle est une science empirique”.

A Linguística, aos olhos de Saussure, assim como aos olhos de todos seus contemporâneos, tem como núcleo rígido a gramática comparada. Seu programa tem um princípio simples: explicar as semelhanças constatadas entre diversas línguas, a partir da relação com um protótipo linguístico comum¹² (MILNER, 2002, p. 21, tradução nossa).

O tipo de pesquisa feito pelos comparatistas possibilitou que Saussure, para além de suas análises comparativas das línguas, pensasse em uma distinção entre a abordagem da língua a partir de um ponto de vista histórico – denominado por ele como diacrônico – e a partir da ótica de um momento dado – denominado como sincrônico. Acerca do ponto de vista histórico, no qual se enquadravam os estudos comparativos das línguas, Milner (2002, p. 24) afirma existir dois grandes âmbitos metodológicos: o protótipo de análise pode ser observável ou conjectural.

Entretanto, segundo o autor, essa distinção não se mostrou significativa para Saussure. Isso porque um protótipo hipotético que seja alvo de análise será sempre uma língua e, sendo assim, terá as mesmas propriedades que as línguas observáveis. Desse modo, torna-se notável que

o protótipo não é nada além nem aquém de uma língua; a língua é distinguida por seu estatuto na comparação, mas suas propriedades são as propriedades de todas as línguas. Em suma, deve-se colocar três afirmações: 1) a Linguística dita histórica é apenas uma comparação entre línguas (ou de estados de língua) atestadas em diferentes datas; ela nada mais é que uma linguística comparativa. 2) Uma língua não muda de propriedades, tanto que pode ser considerada por ela mesma ou em uma comparação. A linguística comparativa é, portanto, somente um ramo da Linguística Geral; daí o nome “Linguística Geral” que Saussure escolheu promover. 3) Uma língua não muda de propriedades, tanto que ela é atestada por documentos, e que ela se situa para além da observação direta¹³ (MILNER, 2002, p. 24-25, tradução nossa).

Portanto, a Gramática Comparada, enquanto um ramo da Linguística Geral, deve lidar com línguas, sejam elas protótipos ou não. Porém, é preciso que sejam definidas as propriedades gerais compartilhadas por todas elas, a fim de que seja possível tomar um modelo hipotético e colocá-lo sob as mesmas condições de uma dada língua. Foi justamente

¹² “La linguistique, aux yeux de Saussure, comme de tous ses contemporains, a pour noyau dur la grammaire comparée”.

¹³ “[...] le prototype n’est rien de plus et rien de moins qu’une langue ; cette langue est distinguée par son statut dans la comparaison, mais ses propriétés sont les propriétés de tout langue. En résumé, il faut poser trois affirmations : 1) La linguistique dite historique n’est rien de plus qu’une comparaison entre des langues (ou, ce qui revient au même, des états de langue) attestées à des dates différentes ; elle n’est donc rien de plus qu’une linguistique comparative. 2) Une langue ne change pas de propriétés, suivant qu’on l’envisage pour elle-même ou qu’on l’envisage dans une comparaison. La linguistique comparative est donc seulement une branche de la linguistique en *générale* que Saussure a choisi de promouvoir. 3) Une langue ne change pas de propriétés, suivant qu’elle est attestée par des documents ou qu’elle se situe au-delà de l’observation directe”.

a busca por essas propriedades gerais que levou Saussure à sua procura incessante por uma estrutura subjacente às línguas, estrutura esta que foi, aos poucos, tomando forma, até que fosse determinada como o objeto de estudo da Linguística Geral. Trata-se da língua.

Assim, mesmo que a teorização saussuriana apresente uma trajetória de elaboração que não seja necessariamente direcionada à fundação de uma ciência, é inegável, tal como afirma Normand (2011, p. 14), que Saussure desejava “desvincular a pesquisa Linguística da simples coleta empirista de dados”, não se atendo, contudo, à explicitação dos aspectos que definem uma teoria científica (MILNER, 2002, p. 25). No entanto, de acordo com Normand (2011, p. 16), existem, na teorização saussuriana, alguns princípios epistemológicos que fundamentam o olhar de Saussure, o qual “marcou tudo o que se chama atualmente de ‘as ciências da linguagem’”. Torna-se, então, pertinente o tratamento desses princípios em nosso trabalho.

Antes de nos atermos a eles, contudo, consideramos importante destacar que, pelo termo “princípios epistemológicos”, a autora designa

certo número de proposições fundamentais que ele [Saussure] constrói explicitamente para si, à medida de sua reflexão, assim como tantas regras imperativas para pensar e analisar os fenômenos observáveis. Essas proposições, enunciadas em várias oportunidades no Curso e em seus manuscritos, constituem base teórica a partir da qual são elaborados os conceitos e o método, em sua novidade radical (NORMAND, 2011, p. 16-17).

Os princípios epistemológicos¹⁴ tratados por Normand (2011) são, pois, os aspectos que fundamentam o processo de elaboração dos conceitos e da metodologia de abordagem linguística pensada por Saussure. O *primeiro* deles, segundo a autora, é “o que domina todos os outros”, e trata-se da máxima “é o ponto de vista que cria o objeto”. Esse princípio vem, nas reflexões de Saussure, como uma forma de mudar os horizontes dos estudos da linguagem que, na época, estavam fechados pelo modo comparativo de análise das línguas. O que incita Saussure a determinar esse princípio, de acordo com Normand, é a questão: “*Unde exoriar?*” ou, em português, “De onde partir?”, explicitamente colocada nos manuscritos (NORMAND, 2011, p. 17). E a resposta consiste exatamente na possibilidade de se considerar diferentes óticas de abordagem do mesmo objeto.

¹⁴ É importante não confundir aqui a numeração ordinal dos princípios epistemológicos feita por Normand (2011) com uma hierarquização dos conceitos saussurianos. Para nós, tratam-se de coisas distintas.

Normand (2011, p. 17) afirma que, embora essas óticas não devam ser hierarquizadas – assim como a própria teorização saussuriana e seus conceitos – torna-se necessário que haja, deliberadamente, uma tomada de posição, para que se possa “obter um método de descrição” na escolha de cada ponto de vista. Ademais, essa tomada de posição se mostra ainda mais indispensável pelo fato de que “não há fenômenos linguísticos independentes do ponto de vista que se tome sobre eles” (NORMAND, 2011, p. 17).

Esse primeiro princípio (“O ponto de vista que cria o objeto”) é importante para o corte epistemológico estabelecido por Saussure, visto que desvencilha tanto o estudo histórico do estudo sincrônico, como também distingue a abordagem das diferentes categorias linguísticas (fonemas, morfemas, etc.). No entanto, ele possibilita que seja feito esse desvencilhamento, sem desqualificar as categorias que não são tomadas como alvo de um determinado estudo ou de uma determinada reflexão. Desse modo, ao propor que se considere a língua do ponto de vista sincrônico, Saussure sugere uma abordagem do objeto que visa à retirada de princípios gerais subjacentes a todas as línguas, ou seja, ele busca os princípios que regem o funcionamento desse objeto. Nesse sentido, de acordo com Normand (2011),

Essa idealização, [...] separando a língua da fala, fica evidenciada pela hipótese do *sistema*, segundo um ponto de vista particularmente abstrato que, se opondo ao fracionamento dos resultados da gramática comparada, vê a língua como um jogo de relações mútuas, de correspondências, de valores sem referência a uma positividade (NORMAND, 2011, p. 19, grifo da autora).

Nota-se, portanto, já no primeiro princípio epistemológico apontado por Normand (2011), que a noção de sistema é um elemento importante no movimento de Saussure que propiciou o estatuto de ciência à Linguística. Além disso, vemos que tal noção se mostra relacionada ao ponto de vista sincrônico, bem como está intimamente ligada ao mecanismo de funcionamento da língua.

Passemos ao *segundo princípio* exposto pela autora, o qual, diferentemente do primeiro, caminha em direção a um elemento exterior ao sistema linguístico: o sentimento do sujeito falante. Trata-se da condição de que “tudo que está no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real” (NORMAND, 2011, p. 20); ou seja, “o que é real, em um determinado estado da linguagem, é aquilo de que os sujeitos falantes têm consciência” (ENGLER, 1974, p. 18-19 apud NORMAND, 2011, p. 21). Desse modo, temos que aquilo que existe em um

determinado estado de língua só existe porque está no sentimento do sujeito falante, isto é, o que é real, no que concerne à língua, são apenas as coisas reconhecidas pelos seus falantes.

Para Normand (2011), nesse princípio opera uma

inversão decisiva na orientação da pesquisa linguística: ao lado do trabalho produtivo e bem institucionalizado da gramática comparada e da Linguística histórica [...], pode surgir uma Linguística que procura seus dados diretamente nos locutores [...] (NORMAND, 2011, p. 21).

Assim, o conhecimento do passado da língua não importa, pois é possível que se conheça o mecanismo linguístico apenas pela observação dos fatos de um estado de língua presente ou determinado. Assim, para que se conheça um estado de língua, a diacronia deve ser ignorada, pois só se pode “penetrar na consciência dos sujeitos falantes suprimindo o passado” (NORMAND, 2011, p. 21).

O *terceiro princípio* epistemológico da teorização saussuriana é o que permitiu ver a língua para além de um instrumento de etiquetagem: “A língua não é uma nomenclatura, pois é uma forma e não uma substância” (NORMAND, 2011, p. 24). Pensar a língua como forma, e não como substância, permitiu que Saussure se distanciasse das concepções de língua – muito comuns nos estudos da linguagem¹⁵ – que a consideravam como representação do pensamento ou como instrumento de comunicação. Na concepção de Saussure, a língua funcionaria como uma intermediadora entre o pensamento e o som, delimitando unidades significativas, por meio das relações estabelecidas de acordo com o funcionamento do sistema linguístico.

Nesse princípio, operam os elementos da língua – signo, significante e significado –, submetidos às relações e aos princípios do valor e da arbitrariedade: “o próprio termo *forma*, oriundo diretamente da tradição filosófica, somente adquire seu sentido saussuriano desenvolvido pelos conceitos de *valor* e de *arbitrário*” (NORMAND, 2011, p. 24, grifos da autora). Assim, logicamente, a noção de sistema se destaca, mostrando-se novamente como um princípio fundamental para o corte epistemológico efetivado pela teorização saussuriana.

Por fim, o *quarto princípio* apresentado pela autora consiste no seguinte: “O que é absoluto é o princípio do movimento da língua no tempo” (NORMAND, 2011, p. 26). Para esse princípio, existem, segundo Normand (2011), duas condições: i) a natureza social da

¹⁵ Especificamente sobre essas concepções, conferir Coelho (2015).

língua; e ii) a natureza arbitrária dos signos. Por ser social, a língua constitui, para cada geração, uma herança da geração anterior. Portanto, tem a tendência de se manter, apresentando uma continuidade. Por outro lado, a arbitrariedade intrínseca aos signos linguísticos faz com que a língua apresente uma tendência a se alterar, apresentando, paradoxalmente, um caráter mutável.

Essa característica da língua de mostrar-se, ao mesmo tempo, como uma continuidade e como uma mudança é o que é apresentado no CLG sob o nome de mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico. O movimento da língua, que consiste no aspecto central deste último princípio exposto por Normand (2011), só existe em razão da noção de sistema e, conseqüentemente, de todo o quadro teórico saussuriano. O funcionamento dos elementos da língua, de acordo com os princípios e relações ressaltados pela teorização saussuriana, só é possível porque esses princípios e relações foram pensados pelo linguista a partir de um sistema. Sendo assim, torna-se notável que a noção em questão, ou seja, o sistema, destaca-se mais uma vez como um componente indispensável para reflexões de Saussure e também para a Linguística enquanto ciência.

Considerações finais

A discussão acerca do movimento da trajetória das elaborações saussurianas, e da especificidade de cada documento que apresenta essas elaborações, mostrou que a pesquisa em Saussure também possui características que não podem ser desconsideradas. As reflexões do linguista perpassam áreas diferentes dos estudos da linguagem, justamente por buscar repensar o objeto de estudo e o papel dos estudiosos que se dedicavam à linguagem. Constitui, assim, uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que bebe de diferentes fontes do rio da língua, também auxilia na delimitação e na sustentação dessas fontes, de forma a outorgar a elas suas próprias características, possibilitando que, mais tarde, fossem vistas como áreas distintas.

Nesse sentido, essa distinção entre a Gramática Comparada, a Linguística Geral e os estudos saussurianos sobre lendas e anagramas, que hoje se mostra de forma tão clara, deve ser tomada com cuidado, ao analisarmos os documentos de Saussure. Isso porque cada elaboração do linguista corrobora para o movimento de suas demais reflexões, estabelecendo um mecanismo mútuo de reflexão e de elaboração. A noção de sistema permite que

observemos essa característica de entrelaçamento de forma mais nítida, por consistir em uma noção que transita em diferentes documentos, compõe a teorização de diferentes pontos de vista da linguagem, e apresentam pontos de contato em cada uma delas, se estabelecendo e se sustentando pela correlação.

Tal como afirma Flores (2016), “o trabalho com essas fontes exige de quem o faz uma série de cuidados metodológicos referentes à análise documental complexa” (FLORES, 2016, p. 70). Por isso, a nosso ver, os diferentes documentos saussurianos e suas características formais e conceituais de elaboração e reelaboração – tais como aquelas delimitadas por Silveira, Normand e Milner – devem ser vistos como elementos importantes para a pesquisa em Saussure, uma vez que auxiliam na compreensão da teorização do linguista e todo o seu legado.

Referências

- COELHO, M. P. A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
- DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. 2 ed. Trad. J. P. Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.
- FLORES, W. N. Os ditos e os escritos de Ferdinand de Saussure: uma reflexão sobre a pesquisa com fontes documentais complexas. In: CRISTIANINI, A. C.; OTTONI, M. A. R. (Org.). **Estudos Linguísticos: teoria, prática e ensino**. Uberlândia: EDUFU, 2016.
- HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
- JOSEPH, J. E. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- MILNER, J-C. **Introduction à une science du langage**. Paris: Seuil, 1989.
- _____. **Le périple structural: figures et paradigmes**. Paris: Seuil, 2002.
- NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- SAUSSURE, F.; AMACKER, R. (Org.). **Science du langage – De la double essence du langage**. Genève: Librairie Droz, 2011.

SAUSSURE, F. **De l'essence double du langage**. AdeS 372. Bibliothèque de Genève, 1891.

_____. Notes pour le cours III. In: _____. **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951 – 22. Bibliothèque de Genève, 1910-1911.

_____. Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes. In: BALLY, C.; GAUTIER, L. (Org.). **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Genève: Librairie Payot & Cie, 1969.

_____. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. A difícil relação entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral. In: CRISTIANINI, A. C.; OTTONI, M. A. R. (Org.); **Estudos Linguísticos: teoria, prática e ensino**. Uberlândia: EDUFU, 2016.

SOUZA, M. O. **Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

ZILBERBERG, C. Une continuité incertaine: Saussure, Hjelmslev, Greimas. In: ZINNA, A. (Org.). **Hjelmslev aujourd'hui**. Turnhout: Brépols, 1997, p. 165-192.

Abstract

In Saussure's theoretical project, the language is approached from different viewpoints, although their objects of investigation establish a certain relation. Therefore, the analysis of the materials which present the trajectory of Saussure's elaboration demands that one take its process as central, instead of taking the elaboration itself as something finished. In light of this, in this work it will be used the work of Silveira (2007) in order to deal with the specificities found out in the materials that attest Saussure's process of elaboration. Thereafter, it will be approached the epistemological cut enabled by saussurian theorization and principles, from the perspective of Normand (2011) and Milner (1989, 2002), so that will be presented the elements of Saussure's theoretical project that allowed that Linguistics had been established as a science.

Keywords: *Ferdinand de Saussure. Documents. Approach*

Recebido em: 05/05/2018.

Aceito em: 17/05/2018.